

# NEOGRAMÁTICO, SIM, MAS COM TODA A GRADIÊNCIA...

Maria Célia LIMA-HERNANDES<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, discuto postulados funcionalistas sobre gramaticalização, tecendo um possível diálogo com os postulados neogramáticos explicitados na obra de Herman Paul. É objetivo, portanto, deste texto aproximar duas correntes linguísticas distantes no tempo, as quais utilizam rótulos distintos para semelhantes referentes. Mostro que os pontos de concórdia entre as duas teorias tornam a perspectiva funcionalista da gramaticalização, em sua vertente clássica, uma extensão do que postulava Paul em seus *Princípios fundamentais da história da língua*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gramaticalização. Funcionalismo. Princípios neogramáticos.

## Introdução

Dentre os universais de mudança explicável por gramaticalização são incluídas a generalização (BYBEE, 1998; SWEETSER, 1990), a unidirecionalidade (vários autores, e em especial o grupo alemão coordenado por Heine) e a frequência (BYBEE, 2006; dentre outros), todos eles trabalhados em termos de sua gradiência.

Apesar de serem discutidos de forma bastante autônoma nas obras em que são propostos como universais de mudança, na verdade generalização, unidirecionalidade e frequência estão altamente correlacionados em suas ações e efeitos que conduzem à mudança gramatical.

A generalização é depreendida de um efeito de extensão do significado de um item a outros campos semânticos. Assim, ao mesmo tempo em que um item perde sua especificidade, ampliando o espectro de atuação semântica, essa mudança se dá em direção de uma abstratização intensa.

---

<sup>1</sup> Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da USP, São Paulo – SP, Brasil. mceliah@usp.br

O sentido original continua a ser empregado nos contextos restritos observados anteriormente, e o sentido mais abstrato ganha em contextos, dado o impacto do contexto discursivo-pragmático e sua opacidade semântica, ao mesmo tempo em que pode ocupar o espaço antes previsto como lugar de outras formas. É o que notamos com a passagem de *tipo*, que parte de um emprego referenciador (“Esse é um *tipo* bastante esquisito”) a classificador (“Comprei um *tipo* de caneta roller-ball”). Ambos são substantivos, mas a generalização do emprego, no segundo caso, praticamente nos impede de classificá-lo assim, dado que não se ancora a um ser ou indivíduo, mas a um protótipo de ser. A generalização implica que os contextos de emprego sofram uma amplificação (mudança categorial) e uma ampliação de usos (crescimento da frequência *type*) também.

A propósito da tênue divisão entre categorias e classes e sua gradiência, encontramos em Paul o seguinte:

As partículas de ligação [...] provieram, mediante uma modificação de classificação, de palavras autônomas. Este processo repete-se sempre de novo. Já por isso não podemos delimitá-las nitidamente. A isto vem juntar-se que uma palavra pode ser autônoma adentro da oração individual a que pertence, mas servir ao mesmo tempo para ligar esta oração com uma outra. (1983, p. 374)

A unidirecionalidade é depreendida justamente da passagem de um item que é mais concreto a mais abstrato, mas algumas mudanças podem ter sua unidirecionalidade também marcada pelo deslizamento de outras categorias, como as cognitivas (pessoa > objeto > espaço > tempo > processo > qualidade) ou como as gramaticais (advérbio > conjunção > preposição). Muitas vezes não é incomum que se observe uma correlação entre os vários *continua* apresentados. É o caso do item *como*: Advérbio (modo) > conjunção (comparativa) > preposição (exemplificativa), *continuum* que também permite observar a passagem de uma categoria mais concreta a uma mais abstrata. Está implicada nessa mudança também a ampliação de funções categoriais ao mesmo tempo em que a frequência *token* seria um bom critério de checagem dos efeitos desses deslizamentos.

Chegamos, assim, aos efeitos da frequência para a mudança gramatical. Para tanto, deslocaremos o foco da discussão dos teóricos que invariavelmente discutem gramaticalização para dar voz a Herman Paul, que tornou o mote de sua principal obra a discussão da gradiência na mudança, o que o

levou a argumentar sobre o papel da frequência para a instabilidade e estabilidade da língua:

Em todos os campos da vida da língua é possível uma evolução suavemente graduada e esta graduação suave mostra-se, por um lado, nas modificações sofridas pela linguagem individual, por outro lado, no comportamento recíproco das linguagens individuais. Mostrar isto em pormenor é o fim único de toda a minha obra. (1983, p. 41)

Notemos que a função interativa da linguagem, mas, principalmente, o que decorre dessa interação entre os indivíduos é o que está no cerne da proposta de Paul. Essa constatação permite que uma retomada dos postulados de Herman Paul proceda-se agora orientada por uma busca de princípios funcionalistas que explicariam a mudança gramatical, de modo a evidenciar o quanto tem ecoado nos discursos de linguistas que teorizam sobre gramaticalização desde o final do século XX.

## **Ideias fundantes da obra de Paul à luz do processo de mudança gramatical**

Torna-se relevante reconhecer que gramática comparativa (visa às relações mútuas de famílias de línguas aparentadas cuja origem comum se perdeu ou à comparação de descrições relativas a diferentes períodos) e gramática histórica (investiga a continuação da evolução baseando-se num ponto de partida que lhe é transmitido pela tradição), embora admitam uma proximidade quanto às perguntas mais específicas, são, de fato, vertentes metodológicas bastante diversas. Talvez um rótulo mais apropriado e menos compartimentado fosse falar em historicidade da língua.

Ainda Paul alerta que as categorias gramaticais não darão conta de organizar as mudanças mais tênues sofridas por um item-fonte (lembremo-nos do caso do item *tipo*, que não muda de classe de palavras, mas em seu emprego como classificador não mais detém todos os traços originais de substantivo, embora não possa ser classificado de forma distinta segundo o modelo tradicional).<sup>2</sup> Ao que parece, Paul está se referindo a uma gradiência possível, mas não tão discreta, nem menos fácil de se lidar. A exigência de um refinamento do olhar no trabalho descritivista não prescinde da incursão etimológica.

---

2 “As nossas categorias gramaticais tradicionais são um meio mais do que insuficiente para ilustrar o modo de agrupamento dos elementos da língua”. (PAUL, 1983, p. 39)

Um ponto de apoio importante para o trabalho do investigador é a etimologia, que não pode ser recuperada sem uma reflexão mais histórica sobre os hábitos de usos de uma determinada época: “Se compararmos, por exemplo, as diferentes significações duma palavra, tentamos estabelecer qual delas é a significação primitiva, ou que significação primitiva desaparecida elas indicam” (PAUL, 1983, p. 28). A proposta de resgate etimológico de Paul aproxima-se do que os grupos funcionalistas que lidam com gramaticalização têm aplicado aos seus estudos. Todo o cuidado é pouco para não se incorrer no equívoco comum de aceitar passivamente que “o significado de uma palavra será determinado segundo a sua etimologia, embora a consciência desta etimologia já tenha desaparecido por completo e tenha sobrevivido uma evolução independente do significado” (PAUL, 1983, p. 40).

Aqui há que se estabelecer uma diferença funcionalista importante entre etimologia lexicográfica e traço etimológico. A primeira pode ser encontrada pronta num bom dicionário etimológico e recolhida como fonte de apoio para a pesquisa; o segundo só pode ser conseguido a partir de um estudo detalhado das várias acepções que se foram crescendo ao item sob estudo. O que for recorrente e mantido incondicionalmente em todos os usos do item deverá ser reconhecido como traço etimológico. Para os estudos que se preocupam com gramaticalização, somente o traço etimológico pode auxiliar a depreender uma possível rota de mudança.

Afirma, ainda, Paul que uma lei geral guia a mudança da língua e esta se refere ao grau de consciência do povo ao utilizar sua língua:

nenhuma ideia introduzida no consciente através da atividade da fala pode desaparecer sem deixar vestígios, mesmo quando estes vestígios são tão fracos que são necessárias circunstâncias especialíssimas (...) para lhe emprestar a faculdade de se tornar de novo consciente. (1983, p. 35)

Ao que parece, Paul pretende argumentar sobre a instabilidade linguística decorrida das situações interativas em que automatizamos os usos,<sup>3</sup> não mais nos dando conta da codificação em si, mas da finalidade comunicativa (baixo grau de consciência). É inconscientemente (ou menos atentos para o código do que para a finalidade) que elidimos de uma sequência sintática elementos que julgamos ainda estejam vivos na memória de nosso interlocutor

---

3 Haiman (1994) preferiria falar em *habituação*.

por ter feito parte de uma cadeia comunicativa imediatamente anterior ou pressuposta pelo compartilhamento.

É o que pressupomos ter ocorrido com a aproximação entre o verbo *ir* (deslocamento no espaço físico) e o verbo de ação apresentado na sequência “Vou almoçar”, em que uma sequência locativa (ao restaurante, ao refeitório, para casa) foi elidida por ser altamente pressuposta. O efeito é a constituição de uma sequência sintática bastante recorrente e generalizada no português, o que pode ter provocado a reanálise de um verbo pleno a verbo auxiliar de futuro (vou almoçar = almoçarei).

Ainda que a mudança seja já implementada, evidências dessa mudança podem ser recuperadas nos usos cotidianos, especialmente quando reunimos o conjunto dos padrões funcionais do verbo *ir* no português. Deparamo-nos com vestígios da mudança e até mesmo dos contextos em que essa mudança se manifestou: numa situação interativa em que a informação elidida poderia ser inferida pelo interlocutor.

Nem só o falar e o ouvir são processos da evolução da língua [...] uma grande quantidade de fenômenos psíquicos se consomem sem consciência clara e que tudo o que alguma vez existiu na consciência permanece no subconsciente como momento ativo. (PAUL, 1983, p. 34)

Analisemos mais um caso de mudança recente ocorrida no português. Essa mudança assume um caráter diferenciado por ter sido deflagrada a partir de um momento de conscientização. Num determinado momento, os falantes ou um grupo específico de falantes dá-se conta de que, numa situação que há muito tempo vinha sendo realizada de determinada maneira, havia uma inadequação entre uso e propósito comunicativo.

Trata-se da expressão *risco de vida*, que, dada sua especificidade de uso, tem uma sequência sintática elidida da sequência: risco de *perder a vida*. Sua alta recorrência num contexto específico fez com que falantes passassem a elidir o verbo de polaridade negativa *perder*, mas isso só ocorre porque a palavra *risco* assumira perfeitamente essa carga negativa. Para restabelecer a ordem, somente percebida muito recentemente na mídia brasileira, passou-se a realizar a sequência da seguinte forma: *risco de morte*, sendo este último termo acrescido equivalente semanticamente ao que codificava a sequência original: *perder a vida = morte*. Por uma consciência mais alta sobre uma sintaxe já alterada pela alta frequência e uso, uma mudança é implementada

na língua, e essa mudança não veio do povo, mas da mídia falada e do meio escrito da imprensa brasileira. A mudança operada na língua falada, em contrapartida, continua insuspeita, daí ser analisado como um desvio atualmente.

O que se percebe é que mudanças podem assumir direções distintas se tomarmos como eixo de análise a situação interativa. Interações face a face são altamente relevantes para que algumas mudanças (inicialmente sentidas como um desvio em relação à codificação na língua escrita) sejam levadas a termo, mas a língua escrita favorece que um maior grau de consciência se manifeste. Chegamos, assim, a outro ponto de concordância entre funcionalistas que lidam com gramaticalização e o neogramático: não somente a modalidade escrita, mas especialmente a falada, constituem *locus* da dinamicidade e, por isso, das pistas fundamentais da mudança linguística:

As modificações da língua realizam-se no indivíduo, em parte através da sua atividade espontânea, do falar e do pensar nas formas da língua, e em parte através da influência que recebe de outros indivíduos. Uma modificação do uso só poderá efetuar-se quando ambas as coisas coincidirem. O indivíduo está sempre sujeito à influência de outros, mesmo quando já absorveu completamente o que é usual na língua. Mas o período em que a influência desempenha o seu papel principal é o das primeiras recepções, o da aprendizagem da língua. (PAUL, 1983, p. 41-42)

A consciência pode ter seu índice de atenção alterado pelo canal e forma de comunicação, portanto. Quando duas pessoas que estão iniciando seus contatos interativos se aproximam, o código pode ficar mais evidente do que cotidianamente. Essas situações interativas de alta atenção favorecem a percepção de que algo é usado de forma diferente. Isso se dá mais fortemente nas situações de aquisição de língua, mas também se replicam, em menor dose, nas situações em que as interações são iniciadas entre pessoas que não se conhecem. É justamente por esse motivo que Paul argumenta que somente se pode entender a dinamicidade da língua no contexto de uso, que envolve os interactantes, a cena, a conversa em si e a materialização sintática: “Quem considera as formas gramaticais só isoladamente, sem ver a sua relação com a atividade anímica individual, nunca conseguirá compreender a evolução da língua” (1983, p. 44).

Como pudemos demonstrar, muitas das ideias de Paul sobre consciência e ativação de informações na linha sintática dizem respeito também ao princípio mestre da gramaticalização para funcionalistas, a frequência de uso. Três são os fatores que podem determinar a mudança, segundo Paul:

1º) cada momento isolado que não seja fortalecido por uma renovação da impressão ou por uma nova introdução na consciência, enfraquece cada vez mais.

2º) toda a ação de falar, de ouvir e de pensar traz alguma coisa de novo. Mesmo a repetição exata duma ação anterior fortalece pelo menos certos elementos do organismo já existente.

3º) as relações entre as associações adentro do organismo são de todas as vezes modificadas, tanto pelo enfraquecimento como pelo fortalecimento dos antigos elementos, e, finalmente, pela introdução de novos. (1983, p.36)

Logo, se um uso esporádico não for replicado em outras situações, a tendência é que esse uso seja enfraquecido; a repetição de um uso linguístico fortalece esse mesmo uso na língua; a situação de uso e os fatores co-ocorrentes podem atuar como variáveis na mudança linguística.

E quando Paul aproxima a evolução linguística da evolução das espécies proposta por Darwin, nada mais faz do que marcar sua posição sobre a pertinência de se falar em efeitos sociolinguísticos na gramática de uma língua: só terá longevidade na língua o que de fato tiver finalidade comunicativa, e ainda assim não se pode falar em estagnação, porque é próprio da língua evoluir.<sup>4</sup>

O método de trabalho científico do historiador da língua deve, assim, ser pautado pelas seguintes tarefas:

a. Constituição de amostras;<sup>5</sup>

a.1 identificação dos usos reais;

a.2 considerar a produção de indivíduos vivos.<sup>6</sup>

b. Descrição de dados estáveis (1983, p. 37);

b.1 descrevê-los fielmente ao contexto de uso (contextos de uso, relações entre itens e funções) (1983, p. 37).

c. comparar usos de diferentes usuários da língua (1983, p. 38);

c.1 estabelecer relações entre língua falada e escrita.

Consideremos, portanto, o método de trabalho orientado por Paul e o comparemos com o que vem sendo feito pelo Grupo de Pesquisa “Mudança

---

4 “De resto, na evolução do uso da língua, a finalidade desempenha o mesmo papel que Darwin lhe atribui na evolução da natureza orgânica: a utilidade maior ou menor das formas criadas é determinante para a conservação ou desaparecimento das mesmas.” (1983, p. 40)

5 “são em geral as épocas modernas que nos oferecem material mais útil e digno de confiança.” (1983, p. 41)

6 “compreender da língua materna a natureza da atividade da fala” (p. 39) – “a verdadeira causa das modificações do uso não é nada mais do que a atividade habitual da fala.” (1983, p. 40)

Gramatical do Português – Gramaticalização”, na Universidade de São Paulo, um grupo funcionalista que tem lidado há cinco anos com gramaticalização.

## **Método de trabalho funcionalista sobre gramaticalização: problemas identificados**

Nesta seção, criamos um campo de debate a respeito da correlação entre *frequência de uso* e *derivação categorial*, especialmente discutindo as *variáveis* que podem interferir na compreensão das rotas de gramaticalização de itens/estruturas.

Alguns problemas advêm dessa correlação. Muitos estudos mostram que nem sempre o item inovador é o mais frequente, assim como há estudos que mostram que um item mais gramaticalizado é quase sempre o menos recorrente no *corpus*. Assim, aparentemente, *não há uma correspondência satisfatória entre alta frequência e estruturas em processo de gramaticalização*, a menos que se leve em conta a variável gênero discursivo.

Tomemos como base de exemplificação os seguintes dados, extraídos de variados trabalhos sobre gramaticalização:

- (1) Ah, tirava logo essas criança da rua. Essas criança que ficam cheirando cola, essas mãe sem vergonha que ficam pegando FILHO no colo, sentada com a canequinha pedindo dinheiro. Você passa ali no túnel, que você vê uma velha com bebê no colo. Aquele neném não é filho dela. *Como* se fosse neto, com a canequinha balançando. E eu sei que esses pessoal tem casa. Eles vão pra ali pedir esmola, porque eles são safado. Ouvi dizer que eles tão até alugando, se você... mendigo da rua, tão até alugando o filho da pessoa pra pedir esmola! Bota as criança pra pedir esmola na... na nos trânsito (PEUL – inf. 8 – amostra 00 – primário, apud CARVALHO, 2004, p.189).
- (2) *Como* profissional da área, posso afirmar que esse foi, sem dúvida, um dos melhores filmes publicitários a que já assisti (XX, carta de leitor, apud LIMA-HERNANDES, 2005, p. 118).
- (3) Um dia eu *peguei* um papel, né, recortei, aí desenhei, né? Parece, fiz uma bola, qualquer coisa lá. Comecei a brincar, né? (PEUL/Cen-E-53, apud GONÇALVES, 2003, p. 197) satélites de atitudes proposicionais.
- (4) Falou tudo o que queria aí *pegou* e disse que ia embora (RODRIGUES, 2006).



Ao analisar a diferença entre (1) e (2), Lima-Hernandes (2005) notou que o segundo só aparece registrado em documentos escritos a partir do século XIX, portanto seria um uso inovador. Também nota que sua frequência de uso aumenta em gêneros discursivos específicos, o que nos parece totalmente óbvio hoje, quando reconhecemos gênero discursivo ligado a finalidades sociais. Em (2), há uma moldura pragmática construída para que o falante valide, por meio de seu papel social, o que dirá na sequência. O segundo exemplo é mais abstrato, envolve funções textuais (coesão) e funções discursivas (validação de um argumento para convencer). No primeiro exemplo, em contrapartida, há ainda bastante clara uma função comparativa. Nesse estudo, não há a ratificação da correlação frequência/forte gramaticalização.

Percurso similar na identificação do padrão funcional do verbo *pegar* poderia ser observado por meio da análise de (3) e (4). Somente um tratamento frequencial pormenorizado daria conta de reconhecer que o exemplo (3) teria alta recorrência de caráter geral, mas o exemplo (4) somente se demonstraria altamente recorrente se tipos textuais específicos fossem selecionados. Isso se deve ao caráter mais gramaticalizado do verbo, que passa de um verbo serializado (uma série de eventos são sequenciados numa cadeia discursiva – vide exemplo 3) a um verbo serial (indica a tomada de atitude e sua semântica original sofre *bleaching*). Também nesse estudo não foi possível verificar essa correlação entre alta produtividade e forte gramaticalização.

Os resultados da quantificação não criteriosa durante as análises podem, na verdade, converterem-se em ferramentas de opacização do fato em si. O que resta de certo é que nem sempre essa correlação entre gramaticalização e alta frequência mostra-se sustentável. E então nos perguntamos: (i) que tipo de frequência devemos controlar quando investigamos gramaticalização? (ii) sobre quais variáveis devemos ter controle para que não haja inviesamento dos resultados?

O conhecimento de que os itens gramaticais são mais frequentes do que os lexicais, de que os sentidos gramaticais são mais abstratos, mais generalizados, mais subjetivos e mais orientados para o discurso do que sentidos lexicais necessariamente precisa desdobrar-se nestas implicações:

- (i) a repetição condiciona o processo de abstratização de um item, sendo, portanto, índice de difusão de um item (gerando novos padrões funcionais), conforme defendem Hopper e Traugott (2003[1993]);
- (ii) a repetição formal é um dos efeitos da gramaticalização;

- (iii) a repetição desencadeia certos efeitos sobre a representação neuromotora e cognitiva;
- (iv) o aumento da frequência é *resultado* e *facilitador* do processo de gramaticalização.

Ainda que algumas dessas implicações possam soar um pouco contraditórias, é o cuidado do analista com essas questões que permitirá que o trabalho de análise atinja seus objetivos em cada uma de suas progressões: a) compor o *corpus* com amostras heterogêneas quanto à modalidade de língua (falada e escrita) e ao gênero discursivo (levando em conta a fidedignidade da edição consultada<sup>7</sup> e fatores sociolinguísticos<sup>8</sup>).

Paul, ainda que voltado para outro tipo de unidade, trata da importância do papel da frequência e da gradiência categorial da seguinte maneira:

O agrupamento [das palavras] faz-se tanto mais facilmente e torna-se tanto mais sólido, por um lado quanto maior for a concordância e significação no aspecto fonético, por outro lado quanto mais profundamente estiverem gravados os elementos capazes de formar um grupo. No último caso interessam para os grupos de *proporções*, por um lado, a *frequência* de cada uma das palavras, por outro lado, o número de proporções análogas possíveis. Onde os vários elementos são demasiado pouco marcados ou a sua concordância recíproca é muito fraca, eles ou não se associam ou a associação permanece pouco sólida. Também aqui são possíveis várias *gradações*. (...) Aqueles grupos de proporções que adquiriram um determinado *grau de solidez* são de importância eminente para toda a actividade da fala e para toda a evolução da língua. (1983, p. 120)

Já os linguistas que têm investido em gramaticalização numa abordagem funcionalista têm combinado a abordagem sincrônica com referendação diacrônica e para isso tem aprimorado o papel da quantificação para depreen-

7 Comparando duas edições da mesma receita de cozinha do século XV, notamos que em uma há o emprego da palavra tipo como classificador, mas que numa edição mais cuidadosa e fidedigna esse emprego não existe: “Escolham alguns marmelos alongados, do tipo pêra, bem compridos e lisos, podendo, inclusive, ser marmelos silvestres. Descasquem-nos, partam-nos em quartos, dando-lhes a seguir uns cortes oitavados.” (edição modernizada, Gomes Filho, 1963). “Tomarão mujto bõos marmelos e bicudos | E cõprjdos e lisos e gramdes babaros | Se qujser~e e falosão ~e quartos e aparta| Losão oitauadas. (edição diplomática, Biblioteca Nacional).

8 O item *tipo*, na função de marcador conversacional, pode ocorrer na fala de qualquer pessoa, e pensar que só poderia ocorrer na fala dos mais jovens é um equívoco. Ainda que o senso comum deponha que a expressão *tipo assim* só ocorre em falares de grupos restritos da periferia, é possível surpreendê-lo em outros nichos sociais. Para mais informações sobre os resultados de pesquisa que lida com esse item, indicamos a leitura de Lima-Hernandes (2005).

der movimentações do sistema. Combinam, então, métodos de quantificação com vistas a evitar possíveis enviesamentos, daí o controle da frequência *type* e da frequência *token*, tal como propõe Bybee (2003), baseada nos métodos do trabalho lexicográfico.

A frequência *token*, equivalente a uma frequência textual, visa ao controle quantitativo da ocorrência de um item no texto corrido para verificar as formas que ocorrem no texto independentemente do padrão funcional. Trata-se, assim, de um índice frequencial de palavras, independentemente de seu valor funcional no texto. Se houver uma alta frequência de *tokens*, então teremos evidências nítidas de que mudanças estão se implementando, seja pela emergência de um novo padrão funcional, seja pela gramaticalização intensa de uma função inovadora anteriormente. É também um índice interessante que permite ao linguista identificar possíveis fenômenos para estudo. Já a frequência *type*, em contrapartida, permite quantificar padrões funcionais de uma mesma forma. A alta de uma frequência *type* pode colocar à luz um contexto específico que está se generalizando na língua ou, ao inverso, a restrição de algum uso específico.

Um terceiro tipo de frequência é a aquela que visa ao controle da regra variável, visando à estratificação implicada na gramaticalização de um item ou de um padrão funcional. A função desse tipo de quantificação é identificar variantes e variáveis associadas.<sup>9</sup> Uma alta frequência desvenda as tendências de uso e de mudança linguística, levando-se em conta critérios sociolinguísticos, ou seja, a firme relação estabelecida entre fatores linguísticos e sociais.

Como toda situação comunicativa que gera gêneros discursivos primários, reúne como unidade mínima o enunciado, então devemos atentar que unidades discursivo-pragmáticas podem também estar a serviço da gramaticalização. A atenção de Paul para os processos de mutação devem ser lidos à luz de caracteres psíquicos e da interferência da fala entre interactantes de mesma ou de diferentes línguas. Nesse aspecto, pode-se notar uma aproximação entre aspectos psicológicos do uso da linguagem e a ritualização<sup>10</sup> derivada de repetição de eventos sempre do mesmo modo, o que em termos de gramaticalização equivaleria à máxima: quanto mais ritualizado for o item/estrutura, mais gramaticalizado será.

---

9 Sociolinguistas lançam mão de programas específicos, dentre os quais citamos o *Varbrul* e o *Goldvarb*.

10 Ritualização equivale ao processo pelo qual uma palavra ou uma sequência de palavras em determinado contexto torna-se automatizada e é processada como um único bloco informativo.

Para Bybee (2006), o modelo de Haiman (1994) aplica-se perfeitamente à direção de evolução por gramaticalização, pois prevê a alta frequência, a perda da autonomia, a redução fonética e a decategorização, sem desprezar a cena comunicativa. Essa percepção de Bybee, na verdade, também se aplica ao encaminhamento dado por Paul. Observemos o seguinte quadro:

	<b>Haiman (práticas sociais)</b>	<b>Bybee (gramaticalização)</b>	<b>Paul (neogramática)</b>
<b>Habituação</b>	Repetição e esgotamento de um objeto ou prática cultural, de sua força e frequência de seu significado original.	A repetição gera enfraquecimento da força semântica, processo pelo qual um organismo pára de responder no mesmo nível a estímulos repetidos.	A utilidade maior ou menor das formas criadas é determinante para a conservação ou desaparecimento das mesmas (p.40)
<b>Automatização</b>	Sequências/unidades têm como efeito o uso em bloco em determinado contexto.	a repetição gera dependência de um item, e o efeito disso é que palavras autônomas (lexicais) convertem-se em palavras dependentes (gramaticais).	Mesmo que em diferentes indivíduos [o organismo de grupos] se forme dos mesmos elementos, ainda assim estes elementos serão introduzidos na alma em ordem diferente, em agrupamentos diferentes, com diferente intensidade, alguns mais, outros com com menos frequência. (p.36)
<b>Redução da forma</b>	Ocorre com o enfraquecimento e reorganização de uma série antes entendida como uma série de informações.	mudanças fonológicas (redução e fusão) são condicionadas pela alta frequência e seu uso em porções informativas velhas ou inferíveis.	Cada momento isolado que não seja fortalecido por uma renovação da impressão ou por uma nova introdução na consciência, enfraquece cada vez mais (p.36).
<b>Emancipação</b>	Funções mais instrumentais tornam-se funções mais simbólicas inferidas de um contexto específico.	a autonomia de uma oração frequente torna-a mais arraigada à língua, e a frequência condiciona a preservação de características morfossintáticas obsoletas.	Toda a categoria gramatical se cria com base numa categoria psicológica. A primeira não é originariamente mais do que a passagem da segunda a fenômeno exterior. (p.279)

Quadro 1: Paralelo entre funcionalistas

Notemos que essa aproximação entre as três perspectivas permite a verificação de uma gradiência funcionalista, já presente, na verdade, nos postulados teóricos de Paul, grande expoente do grupo neogramático.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Neogrammarian, yes, but with a total gradience... **Revista do Gel**. São Paulo, v. 7, n. 1, p. 57-70, 2010.

**ABSTRACT:** *This article discuss the functionalist approach to grammaticalization and the possible interaction between this approach and the neogrammatic one presented in Herman Paul's book. This study aims at linking two perspectives from two historical realities that use different names for the same referents. We argue that the concordances between both theories make the functionalist perspective of grammaticalization, in its classical version, similar to the perspective presented by Paul in *Princípios fundamentais da história da língua*.*

**KEYWORDS:** *Grammaticalization. Functionalism. Neogrammatic principles.*

## Referências

BYBEE, Joan. From usage to grammar: the mind's response to repetition. **Language**, Washington D.C., v. 82, n.4, p. 711-733, 2006.

\_\_\_\_\_. Mechanisms of change in grammaticization: The role of frequency. In B. D. Joseph and J. Janda (eds.) *The Handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

\_\_\_\_\_. A functionalist approach to grammar and its evolution. **Evolution of Communication**, Amsterdam: John Benjamins, v. 2, n. 2, p. 249-278, 1998.

CARVALHO, Cristina. **Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista**. 2004. Tese (Doutoramento em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2004.

GOMES FILHO, Antonio. **Tratado da cozinha portuguesa do século XV**. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1963.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil**. Campinas: IEL/UNICAMP, 2003.

HAIMAN, J. Ritualization and the development of language. In: PAGLIUCA, William (ed.) **Perspectives on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 3-28.

HOPPER, Paul John; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. [1993]

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. **A interface sociolinguística/gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como – sincronia e diacronia.** 2005. Tese (Doutoramento em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2005.

PAUL, Hermann. **Princípios fundamentais da história da língua.** Tradução Maria Luísa Schemann. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.

RODRIGUES, Angélica Terezinha Carmo. **Eu Fui e Fiz Esta Tese: As Construções do Tipo Foi Fez no Português do Brasil.** 2006. Tese (Doutoramento em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2006.

SWEETSER, Eve. **From etymology to pragmatics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.